



EMPRESAS JUNIORES: BARREIRAS E POTENCIALIDADES FRENTE A UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICA

Ana Paula Poester Cordeiro*
Giovanna Gomes Cure
Cristiane Gularte Quintana

DOI: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2025v19n1p72-96>

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar as barreiras e as potencialidades das Empresas Júniores (EJ's), na qualidade de projeto de extensão, em uma instituição de ensino superior pública. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, em que os dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo, e a coleta realizada através de entrevistas com a aplicação de dois questionários, com perguntas abertas, direcionados aos presidentes, aos vice-presidentes e à coordenação geral das EJ's da universidade pesquisada. Os principais resultados obtidos a partir dos relatos dos participantes, enquanto potencialidade, foram crescimento profissional, aplicabilidade das teorias vistas nos ambientes de ensino convencionais e o aumento do vínculo entre os discentes e as comunidades. Já, como barreiras, encontrou-se dificuldade na conciliação de demandas internas e externas, na falta de reconhecimento, no contato distante por parte da IES, e na falta de oferta de estrutura física própria por parte da IES. As EJ's participantes da pesquisa, em sua maioria estão vinculadas à área da engenharia, indicando um *déficit* na possibilidade de atividades de extensão em dezenas de outras áreas da instituição. Em linhas gerais, o estudo foi capaz de identificar o elo frágil existente entre as EJ's e a universidade, admitindo-se que ainda que ela não seja um fator impeditivo, são os alunos que se mostram como os principais interessados na resolução das barreiras. Assim, destacam-se como contribuições dessa pesquisa a possibilidade de aprimorar as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho, e a necessidade da institucionalização de uma cultura de apoio para as EJ's, a fim de que elas ganhem maior visibilidade e sejam capazes de gerar resultados expressivos para a comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Empresa Júnior. Instituições de Ensino Superior. Discentes. Projeto de Extensão.

JUNIOR COMPANIES: BARRIERS AND POTENTIAL IN RELATION TO A PUBLIC HIGHER EDUCATION INSTITUTION

ABSTRACT

* Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Contato: anapaula.cordeiro00@gmail.com

The aim of this extension project was to investigate the barriers and potential of junior companies (JCs) at a public higher education institution. In methodological terms, this was qualitative, descriptive research, using the content analysis technique applied to data collected by interviews and the application of two questionnaires, with open questions, directed to the presidents, vice-presidents, and general coordination of the JCs at the university studied. The main results obtained from the reports of the participants were, potentially, related to professional growth, applicability of theories observed in conventional teaching environments, and increased links between students and communities. As barriers, there were difficulties in reconciling internal and external demands, lack of recognition, distant contact on the part of the university, and lack of provision of physical infrastructure by the university. The majority of the JCs participating in the research were linked to the engineering area, indicating a deficit of possible extension activities in dozens of other areas at the institution. In general terms, the study revealed the weak links between the JCs and the university, finding that while this was not an impediment factor, it was mainly the students who were interested in resolving the barriers. Highlights of the findings of this research include the possibility of improving the skills required by the job market, as well as the need to provide a supportive institutional culture for JCs, to enable them to gain greater visibility and be capable of generating significant results for the academic community.

Keywords: Junior company. Higher education institution. Students. Extension project.

EMPRESAS JÚNIOR: BARRERAS Y POTENCIALIDADES FRENTE A UNA INSTITUCIÓN DE EDUCACIÓN SUPERIOR PÚBLICA

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar las barreras y el potencial de las Empresas Júnior (EJ), como proyecto de extensión, en una institución pública de educación superior. En términos metodológicos, se trata de una investigación cualitativa, descriptiva, en la que los datos fueron tratados mediante la técnica de análisis de contenido, y la recolección se realizó a través de entrevistas con la aplicación de dos cuestionarios, con preguntas abiertas, dirigidos a los presidentes, vicepresidentes y la coordinación general de las EJ de la universidad investigada. Los principales resultados obtenidos de los relatos de los participantes, como potencial, fueron el crecimiento profesional, la aplicabilidad de las teorías vistas en ambientes de enseñanza convencionales y el aumento de los vínculos entre los estudiantes y las comunidades. Como barreras estuvieron las dificultades para conciliar las demandas internas y externas, la falta de reconocimiento, el contacto distante por parte de la IES y la falta de dotación de una estructura física propia por parte de la IES. La mayoría de las EJ que participan de la investigación está vinculado al área de ingeniería, lo que indica un déficit en la posibilidad de actividades de extensión en decenas de otras áreas de la institución. En términos generales, el estudio logró identificar el vínculo débil que existe entre las EJ y la universidad, admitiendo que, si bien no es un factor de impedimento, son los estudiantes los principales interesados en resolver las barreras. Así, los aportes de esta investigación incluyen la posibilidad de mejorar las habilidades que requiere el mercado laboral y la necesidad de institucionalizar una cultura de apoyo a las EJ, para que ganen mayor visibilidad y sean capaces de generar resultados significativos para la comunidad académica.

Palabras clave: Empresa Júnior. Instituciones de educación superior. Estudiantes. Proyecto de extensión.

INTRODUÇÃO

De modo geral, pode-se dizer que as universidades baseiam-se em três pilares: ensino, pesquisa e extensão. O foco do ensino universitário é a formação de profissionais de nível superior, por meio do conhecimento científico (Penha *et al.*, 2015); na pesquisa, a intensão é produzir novos conhecimentos aliados à expansão do saber (Santos, 2012); e, na extensão, o objetivo é a integração entre ensino-pesquisa, ou seja, o alinhamento entre a teoria e a prática, tornando a comunidade mais ativa e participativa para o recebimento da informação e do conhecimento transmitidos pela universidade (Jezine, 2004).

As instituições públicas, entre as quais estão as universidades federais, têm como definição principal o papel de sistematizar, organizar e produzir conhecimento da forma mais acessível possível e para o maior número de brasileiros (Leher, 2004). Nesse sentido, as Instituições de Ensino Superior (IES) têm enfrentado diversas mudanças para pertencer a um ambiente caracterizado pela construção de conhecimento e tornar-se agente facilitador entre a academia e o meio empresarial, preocupando-se em incluir à grade curricular dos seus cursos de graduação atividades de extensão que proporcionem o desenvolvimento de competências e aprendizagem profissional de seus acadêmicos (Piva *et al.*, 2006). Como exemplo desse entrelaçando de atividades de pesquisa e extensão, encontram-se as Empresas Júniores (Ziliotto; Berti, 2012).

Diante do cenário dinâmico e ambicioso do mercado de trabalho, que tende a cada vez mais valorizar as competências humanas além das técnicas, as instituições percebem as Empresas Júniores (EJ's) como uma possibilidade cabível para o desenvolvimento completo dos estudantes, oportunizando completar os pressupostos básicos pretendidos pelo ensino universitário (Sangaletti; Carvalho, 2004). Nas EJ's, a formação profissional acompanha a formação ética e social, adquiridas através de conhecimentos práticos, oportunizados pela resolução ativa de problemas em ações complexas (Michels; Lohmeyer, 2003).

A Empresa Júnior é uma associação civil sem fins lucrativos que, a partir da teoria em sala de aula (Dornelas, 2017), possui como principal objetivo o desenvolvimento de jovens universitários através de experiências práticas no meio empresarial. Para o autor, os serviços executados pelas EJ's, em geral, são orientados por docentes ou profissionais especializados, e possuem como principais ferramentas de aprendizagem na educação empreendedora a elaboração de planos de negócios, o contato com empresas iniciantes, conversas e entrevistas com empreendedores e viagens a campo entre outras. De acordo com Matos (1997), a associação surge com o intuito de completar os conhecimentos teóricos adquiridos pelos acadêmicos em formação nas instituições de ensino superior, através de aplicações práticas diretas com o meio empresarial.

As EJ's brasileiras sempre estão vinculadas à Instituição de Ensino Superior na qual estão inseridas (projetos de extensão) e possuem sua sede no mesmo ambiente, ao contrário das EJ's na Europa por exemplo, que se estabelecem fora das universidades e sem o auxílio e orientação de um professor (Sangaletti; Carvalho, 2004). No Brasil, o novo Marco Legal da Inovação de 2016, ampliou o conceito de instituições científicas e

tecnológicas, abrangendo as instituições de direito privado sem fins lucrativos, através da criação de uma lei mais clara e regulamentada, capaz de contribuir para a autonomia e encorajar as relações de aproximação entre os setores público e privado, que proporcionem a segurança jurídica necessária para que os gestores públicos sejam capazes de agir e interpretar a legislação vigente (Rauen, 2016; Carvalho; Tonelli, 2020).

Apesar de as universidades desenvolverem o papel de grandes potenciais de conhecimento, Carvalho e Tonelli (2020) afirmam que apenas o Marco Legal não é o suficiente para consolidar a inovação dentro do contexto acadêmico. Para os autores, a fim de que ocorra uma evolução, é necessária uma mudança de cultura entre os brasileiros acerca da inovação. As Empresas Juniores possuem essa capacidade, uma vez que estão ligadas à inovação e ao empreendedorismo, e possuem a capacidade de impactar social e economicamente a sociedade, além de contribuir para o desenvolvimento pessoal do empresário júnior que agregar a experiência a sua formação acadêmica (Campos, 2015; Brasil Júnior, 2021; Sousa et al., 2021).

Nesse íterim, considere-se a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, a qual estabelece que, do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, pelo menos 10% (dez por cento) devem ser compostas por atividades de extensão (Brasil, 2018). Dessa forma, essa exigência pode ser realizada dentro das EJ's.

A essência do Movimento Empresa Júnior em território nacional se concentra na atuação em micro, pequenas e médias empresas, pois dessa forma, os empresários júniores têm a oportunidade de entender o funcionamento das organizações de maneira mais completa e geral, fato que seria praticamente inviável em corporações de grande porte (Sangaletti; Carvalho, 2004). Nesse sentido, Reis (2001) afirma que as empresas apresentam as consultorias como principal mercadoria para atingir predominantemente clientes como micro e pequenas empresas. Os serviços de consultoria realizados pelas EJ's são os que proporcionam a maior sustentação para sua sobrevivência e manutenção (Michels; Lohmeyer, 2003).

Esse cenário se consolida em função da premissa de as EJ's se posicionarem no mercado como uma entidade sem fins lucrativos vinculada às universidades e ainda contarem com o apoio de um professor orientador, que acompanha e analisa os projetos desenvolvidos, possibilitando a realização de consultorias a baixo custo, uma vez que o lucro não é o objetivo, o que possibilita reduzir os valores cobrados por hora técnica (Reis, 2001). Por esse motivo, as empresas se tornam atrativas diante do aspecto econômico, uma vez que o Brasil é o país com o maior número de EJ's do mundo, fator que contribui para a movimentação do PIB (Produto Interno Bruto) em milhões de reais (Picchiai, 2010; Feitosa, 2017).

Os serviços realizados pelas EJ's são benéficos tanto para as empresas e seus gestores que os contratam, quanto para os discentes voluntários que oferecem consultorias, que são tão qualificadas quanto as do mercado tradicional, porém com valores mais acessíveis. (Sangaletti; Carvalho, 2004; Andrade, 2009; Vale; Cândido; Andrade, 2017). Segundo os autores, essas características das EJ's, promovem o desenvolvimento e a sustentabilidade de uma sociedade mais empreendedora na região em que estão inseridas. Dessa forma, as EJ's favorecem mais que os integrantes que as compõem, pois atingem a comunidade acadêmica e comunidade externa (Vale; Cândido; Andrade, 2017).

Diante disso, este estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: quais são as barreiras e as potencialidades das Empresas Juniores de uma Instituição de Ensino Superior pública? Assim sendo, apresenta-se como objetivo analisar as barreiras e as

potencialidades das EJ's frente a uma IES pública, tanto pela percepção dos empresários juniores quanto pelo Coordenador geral das Empresas Juniores na universidade, que também é coordenador da incubadora de base tecnológica da universidade. A escolha de entrevistar o Coordenador foi motivada pelo fato de a pesquisa ter sido conduzida em uma Instituição de Ensino Superior pública que abriga a sua própria Pró-Reitoria de Inovação e Tecnologia da Informação (PROITI). Essa Pró-Reitoria é encarregada da execução das iniciativas relacionadas à inovação e empreendedorismo dentro da universidade.

Dessa forma, a intenção do estudo foi mostrar a relação entre a Instituição de Ensino Superior e as Empresas Juniores, desde a institucionalização, estruturas físicas, apoio do corpo docente e do Coordenador da EJ, até o envolvimento dos responsáveis pela área de inovação e empreendedorismo da universidade. Logo, essa pesquisa tem como justificativa localizar as maiores barreiras das EJ's, e verificar como a instituição de ensino se porta frente às possíveis adversidades e quais as potencialidades que ela também oferece a esses estudantes, a fim de que eles possam encontrar vias de soluções que contribuam para ambos os lados, dado que Michels e Lohmeyer (2003) afirmam que a EJ será cada vez mais considerada como um importante meio de ligação entre a universidade e a comunidade.

Em vista dos trabalhos revisados, foram encontrados poucos materiais acerca do tema entre as Empresas Juniores e as instituições de ensino. Sendo assim, este estudo procurou contribuir para a literatura, dado que se entende a relevância da identificação de características que estimulem a satisfação e o engajamento dos discentes participantes das EJ's, bem como os impactos desenvolvidos durante o período de formação, mesmo que essas questões não sejam notadas de maneira expressiva nos objetivos de investigação de trabalhos, e que nem as EJ's sejam utilizadas comumente como objetos de estudos (Luna et al., 2014; Araujo, 2017).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Empresas Juniores

O Movimento Empresa Júnior (MEJ) nasceu na França, no ano de 1967, a partir de estudantes da "*L'Ecole Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales*", ou *ESSEC Business School*, ao se depararem com a necessidade de experiências práticas que contribuíssem para a formação acadêmica. Criou-se, então, a Junior ESSEC, uma associação sem fins lucrativos (Matos, 1997). De acordo com École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales (2022), a proposta surgiu da iniciativa dos próprios estudantes da graduação, que perceberam a necessidade de aprimorar seus estudos.

Segundo Matos (1997), a ideia se espalhou rapidamente pelas instituições acadêmicas na França, o que, no ano de 1969, culminou na criação da Confederação Nacional das Empresas Juniores. Em 1980 foram mais de 100 empresas federadas, e então, no ano de 1986, começam a se formar Empresas Júniores em diversos países, como a Bélgica, Espanha, Itália e Hungria, entre outros.

No ano de 1988, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) viu surgir a primeira Empresa Júnior (EJ) no Brasil, denominada Empresa Júnior Fundação Getúlio Vargas (EJFGV). Essa iniciativa abrangeu todos os cursos da instituição e permanece operante até os dias de hoje (Matos, 1997; Empresa Júnior Fundação Getulio Vargas, 2022). Logo em seguida, no ano de 1990, sete EJ's se juntaram com o objetivo de ampliar e manter o sentido do Movimento

Empresa Júnior e, dessa forma, fundaram a Federação das Empresas Juniores do Estado de São Paulo (FEJESP). Com o mesmo objetivo, no ano 2000, foi fundada a Federação das Empresas Juniores do Rio Grande do Sul (FEJERS), que hoje tem como responsabilidade fomentar, desenvolver e representar todas as Empresas Juniores do estado do Rio Grande do Sul (Federação das Empresas Juniores do Rio Grande do Sul, 2022).

Em razão da expansão do Movimento no país, deu-se a criação da Confederação Brasileira de Empresas Juniores em 2003, denominada de Brasil Júnior (BJ). Segundo as diretrizes do manual DNA Júnior de Cunha (2009), a confederação foi estabelecida com o propósito de promover e oferecer apoio às Empresas Juniores distribuídas por todo o país, além de proporcionar uma representação que impulsionasse seus resultados. Atualmente, a BJ é composta por 27 federações, representando cada um dos estados brasileiros e o Distrito Federal, o que torna o Brasil o país que possui o maior número de EJ's do mundo, com mais de 900 empresas espalhadas em 300 IES, impactando com um faturamento de 70 milhões de reais até o momento (Brasil Júnior, 2022).

O propósito das EJ's, para Guimarães, Moreira e Baeta (2013), está em proporcionar aos estudantes a aplicabilidade prática de conhecimentos teóricos envolvidos na área de formação, em formar a capacidade crítica, analítica e empreendedora, e em favorecer a entrada no mercado de trabalho. Para os autores, as EJ's fortalecem a instituição de ensino na qual estiverem inseridas, apesar de não ter como objetivo a geração de lucros monetários nem para os seus integrantes, nem para as IES.

Oliveira (2005) promoveu uma das primeiras pesquisas a respeito das EJ's, tendo nela destacado a importância dessa organização como um espaço multi-didático-pedagógico, que, além da prestação de serviços e desenvolvimento profissional de aprendizado, extensão e pesquisa, é um ambiente que dissemina informações e compartilha conhecimentos que favorecem o desenvolvimento sustentável da sociedade como um todo. Ainda de acordo com o autor, as EJ's são como um centro de propagação das IES e, nesse sentido, as universidades deveriam proporcionar melhores condições de infraestrutura, regularizar a prática como campo de estágio, encorajar e favorecer a participação dos professores para supervisionar os serviços desenvolvidos.

O trabalho conduzido por Penha et al. (2015), concluiu que as Empresas Juniores desempenham um papel complementar na formação dos estudantes, ampliando suas competências e proporcionando uma perspectiva que integra teoria e prática durante a graduação. Além disso, essas iniciativas contribuem para a divulgação do curso e da universidade. No entanto, a pesquisa identificou desafios enfrentados pelas EJ's em suas atividades, tais como a falta de estrutura, a elevada rotatividade dos participantes e a escassez de suporte dos docentes na supervisão das consultorias. O estudo destacou os alunos como o principal grupo de interesse, sem identificar um grupo específico de resistência (Penha et al., 2015).

Processo de Institucionalização da Empresa Júnior na Universidade

A institucionalização das EJ's denota o respeito a uma sequência não linear, na qual cada etapa pode ser revista e/ou modificada (Berger; Luckmann, 2003). Os autores apontam uma sucessão de fatos que explicam a institucionalização, o processo em que as organizações buscam a aceitação social, bem como a sua consolidação. Vale lembrar que cada instituição está inserida no seu próprio contexto e, por isso, o seu reconhecimento e

a legitimidade do processo de institucionalização dependerão das pessoas, de outras lógicas institucionais influenciadoras, do ambiente interno e externo e da identidade de cada um dos indivíduos incluídos naquela circunstância (Ashforth; Mael, 1989; Glynn, 2008).

Nessa perspectiva, a Lei Nº 13.267, sancionada em 6 de abril de 2016, determina que a Empresa Júnior deve ter uma vinculação com uma Instituição de Ensino Superior. Essa IES, por sua vez, é responsável por elaborar um estatuto ou regimento interno que estabelecerá os termos pelos quais as empresas devem reger seu funcionamento (Brasil, 2016). Por exemplo, por meio da Deliberação Nº 047/2018 de 17 de julho de 2018, o Regulamento das Empresas Juniores que vigora em uma universidade no interior do estado do Rio Grande do Sul estabelece que, para a sua criação e reconhecimento, a EJ deve conter registro em cartório, como pessoa jurídica de direito privado, na forma de associação civil sem fins lucrativos, juntamente de seu estatuto próprio, razão social, quadro diretivo e gestão autônoma em relação à Universidade (FURG, 2022).

Não diferente do cenário apresentado, mais uma universidade da região sul do país conta com a sua própria Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (SEDETEC), e nela inclui-se o programa de empreendedorismo da IES, responsável pelas EJ's ali vinculadas (UFRGS, 2022). A Instituição de Ensino Superior em questão também dispõe da Portaria Nº 7347, datada de 17 de setembro de 2018, que estabelece a relação entre as empresas e a instituição. Conforme as diretrizes dessa portaria, uma EJ, após sua formalização legal, deve seguir os processos administrativos exigidos pela instituição, o que inclui, também, o registro da EJ como uma atividade de extensão, a obtenção do Termo de Permissão de Uso para utilizar as instalações da universidade e, por fim, a formalização do Protocolo de Cooperação entre ambas as partes.

Ainda abordando questões relativas às IES, do mesmo modo, outra universidade dispõe de uma Pró-Reitoria de Planejamento, cujo "Regulamento das Empresas Juniores", traz que para a criação e qualificação de EJ, qualquer estudante que manifeste interesse e esteja regularmente matriculado em um curso de graduação da universidade poderá se vincular à empresa, desde que esteja em conformidade com os processos estabelecidos no estatuto da EJ. Além disso, por meio da extensão universitária, estabelece que o trabalho dos associados se dará obrigatoriamente de forma voluntária e que a EJ deve estar ligada a pelo menos um curso de graduação, a fim de melhorar o processo de formação dos discentes e contribuir com o fortalecimento das relações entre a universidade, organizações públicas e privadas e a sociedade de maneira geral (UFSC, 2022).

Outra referência na fundação de EJ's no estado de Santa Catarina ressalta a importância das empresas para o ensino, pesquisa e extensão, ao aprovar no ano de 2010 junto com a Pró-Reitoria de Extensão da universidade, a Resolução 08/CUn/2010, responsável por formalizar o processo de criação e regulamentação das EJ's na universidade (UFSC, 2022). Em 2012, a referida instituição, fundou o Comitê Gestor das Empresas Juniores a fim de proporcionar um acompanhamento mais próximo das empresas e, assim, assegurar a formalização adequada e acompanhar as novas alterações. No ano de 2017, mais esforços foram realizados com a aprovação da Resolução nº 90/CUn/2017, que qualifica e determina o papel da IES junto às EJ's (UFSC, 2022).

Segundo Rocha *et al.* (2020), em uma universidade na Amazônia, o órgão identificado para responsabilidades do MEJ é a Pró-reitora de Extensão (PROEX), que, por meio de um cadastro, vincula as EJ's à universidade como um projeto de extensão. Ainda conforme o autor, com o crescimento do movimento por volta de 2012, a PROEX passou a dedicar mais atenção às empresas, planejando atividades específicas para elas. Dentre

essas iniciativas, embora se destaque a proposta de regulamentação juntamente com a realização de um seminário de formação para as Empresas Juniores, essa ação, no entanto, não foi efetivada. O estudo que investigou a visão do pró-reitor, dos coordenadores de curso e dos tutores revelou que as Empresas Juniores (EJ's) carecem de profissionalização e enfrentam uma limitada divulgação de suas atividades em razão da falta de interação com a universidade.

Uma pesquisa desenvolvida por Penha et al. (2015), visou a analisar o processo de institucionalização em universidades públicas do Ceará, tendo constatado que os discentes são os principais envolvidos para o sucesso do processo de formalização das EJ's, uma vez que o auxílio dos professores é escasso. Essa situação estende-se também em relação à perpetuidade das EJ's, dada a alta rotatividade de membros participantes que acaba por dificultar a continuidade das empresas (Penha et al., 2015). Os autores observaram que as EJ's em construção baseiam-se em outras já existentes, e compartilham suas práticas de gestão, criando-se, assim, em decorrência dos requisitos exigidos pela federação, um padrão para a institucionalização.

Estudos Anteriores Sobre o Envolvimento das Universidades Frente as EJ's

A respeito das ações acerca da tríade universitária – ensino, pesquisa e extensão – Vale, Andrade e Cândido (2017) desenvolveram um estudo com as EJ's fluminenses vinculadas à Federação de Empresas Juniores do Estado do Rio de Janeiro (RioJunior) e, por intermédio de uma pesquisa quali-quantitativa, observaram que várias empresas realizam atividades nos três âmbitos. Apesar desse cenário, foram constatadas algumas ressalvas sobre como determinadas EJ's, em razão de já serem consideradas uma atividade extensão, não viam possibilidade de realizar outros tipos de ações com a sociedade, e constataram também que, por causa do perfil empreendedor e ambição pela atuação no mercado, muitos empresários juniores não se interessam pelas práticas de pesquisa por associarem esse conceito apenas com a carreira acadêmica (Vale; Andrade; Cândido, 2017).

Barbosa, Gueiros e Silva (2019) realizaram uma pesquisa que aborda a importância da formação de líderes dentro de uma IES, por meio do trabalho desenvolvido pelas EJ's para o incentivo ao desenvolvimento do protagonismo para o mercado de trabalho. Nesse trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco empresas na intenção de localizar as similaridades e/ou diferenças na formação de lideranças formais, que virão a assumir cargos organizacionais. Os resultados obtidos pelas respostas dos participantes confirmaram os padrões comportamentais em nível individual para o processo de desenvolvimento dessas lideranças, mostrando as EJ's como uma alternativa interessante de preparo para o mercado de trabalho em decorrência da sua vivência prática, maior autonomia e flexibilidade, entre outros fatores que auxiliam na formação de futuras competências profissionais (Barbosa; Gueiros; Silva, 2019).

Noutra pesquisa, Ferreira, Loiola e Gondim (2021) buscaram a relação do empreendedorismo com a trajetória de carreira de indivíduos pós juniores, ou seja, os egressos de EJ's. Por meio das respostas coletadas, os autores entenderam que o ensino universitário dispõe de poucas, mas de qualificadas oportunidades de formação empreendedora. De acordo com eles, a contribuição da IES se dá de forma indireta para o desenvolvimento de competências empreendedoras e para a criação de ambientes que possibilitem a prática do empreendedorismo. Os resultados apontam que o possível

desenvolvimento das competências ocorre em função da qualidade das experiências. Em resumo, observou-se que a experiência em EJ's favorece o amadurecimento de atitudes ligadas ao empreendedorismo.

Por esse viés, o trabalho de Ramos et al. (2022) apontou a conexão existente entre o desenvolvimento de competências empreendedoras e o ambiente no qual os estudantes participantes das EJ's interagem em uma IES durante o período de pandemia da Covid-19. Em respostas coletadas a partir de entrevistas com presidentes e membros da direção, as competências que mais se destacaram foram as Relacionais, as de Comprometimento com os Resultados e as de Negócios. Ademais, os entrevistados relataram que, apesar do desafio de manter os membros engajados nas empresas devido à falta de reconhecimento das atividades voluntárias, houve um aumento no suporte por parte da Instituição de Ensino Superior (IES) para as Empresas Juniores (EJ's). Isso se manifestou por meio do auxílio na aquisição de clientes, desenvolvimento de serviços e apoio adicional de docentes e orientadores.

Também se mostrou relevante o trabalho de Bonfim, Silva e Andrade (2020) acerca das competências gerenciais. O estudo evidenciou quais seriam as principais competências exigidas pelas organizações e destacou a dificuldade das universidades em colocar no mercado recém-formados com o perfil de profissional desejado, em decorrência da falta de vivência em experiências práticas de trabalho pelos discentes em sala. Nesse contexto, a participação dos estudantes como membros atuantes nas EJ's, foi apontada como uma solução para o problema. Compreendeu-se também que as experiências de trabalho em empresa com ambiente tenso e atividades realizadas sob pressão não favorecem ou garantem o desenvolvimento do perfil empreendedor durante a formação da mesma forma que uma EJ é capaz de proporcionar (Bonfim; Silva; Andrade, 2020).

Na visão de Palassi, Martinelli e Paula (2020), o MEJ constitui-se como um "movimento", pautado no discurso empreendedor, que se aproxima mais do que seria uma organização empresarial capaz de complementar a formação acadêmica. O interesse da pesquisa foi analisar o quanto a participação em uma EJ influencia na consciência política dos empresários júniores, e na formação cidadã, apesar de esta não se apresentar como um dos propósitos do movimento. Os resultados apontaram que os princípios e perspectivas dos participantes perante a sociedade vão de encontro às aspirações do MEJ e que os indivíduos se motivam a partir da identificação com essa proposta. Outrossim, verificou que o senso de identidade coletiva é pouco consistente, impactando no enfraquecimento da percepção política dos membros das EJ's.

Segundo Barros Neto e Resende (2019), em questões quer internas, quer externas, o ambiente no qual estão inseridas as EJ's é considerado muito instável, e, por trabalhar com projetos de diversas áreas e complexidades, o gerenciamento desses serviços necessita de uma dinâmica ágil e flexível. Sendo assim, o Gerenciamento Ágil alinha-se com a proposta das EJ's, uma vez que recomenda que os trabalhos sejam interativos e adaptáveis, com intenção de agregar valor e envolver a equipe no projeto (Barros Neto; Resende, 2019). Os autores propuseram a implementação da metodologia Scrum, a qual, assim como as EJ's, traz a ideia de melhoria contínua nos processos e com foco não somente nas pessoas mas principalmente em mantê-las motivadas. Os resultados mostram-se positivos, proporcionando um maior desenvolvimento profissional e pessoal aos membros das EJ's e um aumento da satisfação dos clientes, entre outros aspectos positivos.

PERCURSO METODOLÓGICO

Classificação da pesquisa

O modelo de abordagem desse estudo é de caráter qualitativo, pois, de acordo com Minayo (2010), possibilita a construção e/ou análises de novos conceitos, abordagens, valores e atitudes, atingindo os processos e uma zona mais profunda das relações.

Quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritivo, uma vez que “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”, para verificar como se dá a relação entre as EJ's e a IES (Cervo; Bervian; Silva, 2007, p. 61). Quanto aos procedimentos técnicos, será realizada uma pesquisa de campo com entrevistas por meio de aplicação de questionário. De acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007), mais do que uma simples conversa, a entrevista caracteriza-se pela objetiva obtenção das informações dos entrevistados por meio de interrogatório.

A pesquisa seguiu o estabelecido na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. O estudo foi aprovado e está registrado na Plataforma Brasil, com o CAAE nº 68385823.0.0000.5324 - Parecer nº 6.040.191.

Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento de pesquisa do estudo foi constituído de dois questionários, com perguntas abertas, com “uma série ordenada de perguntas relacionada a um tema central” (Oliveira, 2003, p. 71). Dessa forma, foi utilizado um formulário de entrevistas composto de dois questionários construídos pela autora a partir das revisões da literatura, e que tinham como intuito coletar as percepções dos participantes entrevistados. O formulário foi devidamente validado por um profissional da área, que julgou adequados e coerentes para o objetivo da pesquisa os questionamentos, sugerindo apenas ajustes de coesão de texto, que foram corrigidos antes da aplicação.

Os questionários utilizados foram acompanhados de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para esclarecimentos sobre a participação da pesquisa. As entrevistas foram realizadas em data agendada e com duração de aproximada de 30 minutos. Observa-se que a realização das entrevistas só se iniciou após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, conforme previsto no cronograma, e de acordo com Norma Operacional CNS N° 001 de 2013.

Caracterização do objeto da pesquisa

A pesquisa foi conduzida em uma instituição de ensino superior pública no sul do Rio Grande do Sul que possui vinculação com 12 (doze) Empresas Juniores e com um Parque Científico e Tecnológico. Na estrutura organizacional do parque, destaca-se a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica, responsável pela coordenação das iniciativas empreendedoras e pela incubação de empresas.

Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa os Presidentes ou membros das EJ's e o Coordenador geral das EJ's na universidade.

O Roteiro de Entrevista 1 foi aplicado aos presidentes das respectivas EJ's ou aos representantes indicados, os quais estavam aptos a contribuir com a pesquisa. Segundo os dados fornecidos pela instituição, existem 12 EJ's ao todo, as quais estão vinculadas aos cursos de Administração, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Geografia, Comércio Exterior e Relações Internacionais, e às Engenharias de Alimentos, Civil, Sistemas de Informação, Automação, Bioquímica, Agroindustrial, Mecânica e Química.

Voltado para as práticas de empreendedorismo na jornada acadêmica dentro do Parque Científico e Tecnológico pertencente à Pró-reitora de Inovação e Tecnologia da Informação, o Roteiro de Entrevista 2 foi aplicado ao Coordenador geral das EJ's da universidade. A faixa etária dos entrevistados manteve-se entre 18 e 60 anos.

Técnica de Análise de Dados

Após a transcrição das entrevistas, os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), aplica-se por meio de um conjunto de técnicas de análise de comunicação que alcança os processos e metas do conteúdo, e é caracterizada como uma metodologia que se submete ao tipo de fala e ao tipo de interpretação.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta etapa, procurou-se analisar e interpretar os dados provenientes das entrevistas individuais. A população da pesquisa consiste em 12 Empresas Juniores vinculadas a uma universidade federal, e a amostra de pesquisa consiste em 7 EJ's. As demais não retornaram os contatos realizados. As tentativas de contato para as entrevistas ocorreram em dois âmbitos: em primeiro lugar, por intermédio da rede social da empresa; em segundo lugar, alternativamente, realizou-se uma segunda tentativa, seja via *e-mail* da EJ ou de algum representante dela, seja via contato disponível (uma rede social, o próprio site da instituição, etc.). Em alguns casos, os *e-mails* nem foram entregues, como se o endereço já não mais estivesse ativo.

Além da participação dos presidentes das EJ's, também o Coordenador geral das EJ's da universidade participou das atividades. Todas as entrevistas foram realizadas no período de 25 de abril a 16 de maio do ano de 2023. Com uma duração média de 20 minutos e tendo ocorrido via *online* pela plataforma *zoom*, elas foram não somente gravadas como também transcritas manualmente.

Perfil dos participantes

A tabela 1 apresenta o perfil dos respondentes das EJ's, de acordo com o tempo de atuação dos participantes nas EJ's, curso de vínculo e o ano em que foram constituídas.

Tabela 1. Perfil dos respondentes das EJ's

Tempo de participação na EJ	Curso Vinculado	Fundação da EJ
1 ano	Engenharia da Computação	2018
1 ano	Engenharia de Automação	2018
1 ano e 7 meses	Administração; Economia	2016
1 ano	Engenharia Civil; Engenharia Civil Costeira Portuária; Engenharia Civil Empresarial	2016
1 ano	Engenharia de Alimentos	2016
1 ano	Engenharia Bioquímica	2021
2 anos	Engenharia Química	2014

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir dos dados apresentados na Tabela 1, é possível observar que os entrevistados possuem pelo menos um ano de vivência nas atividades, o que agrega maior confiabilidade para as respostas obtidas. Em segunda análise, tem-se a vinculação das EJ's aos cursos de graduação, sendo a maioria relacionados a algum tipo de engenharia. E, por último, verifica-se o tempo existência das EJ's por meio do ano de fundação da empresa, destacando-se aqui o ano de 2016.

Atuando no cargo desde 2016, ano da fundação da incubadora da universidade, o Coordenador geral das EJ's possui formação em Ciências Econômicas e práticas voltadas ao empreendedorismo e inovação, destacando-se a associação da teoria à prática no ramo da Administração.

Entrevistas com os Presidentes e Vice-Presidentes das EJ's e Coordenador geral das EJ's da Universidade

A fim de preservar o anonimato dos participantes das EJ's, representados pelo presidente ou vice-presidente de cada uma delas, decidiu-se denominá-los A, B, C, D, E, F e G; assim como o respondente Coordenador geral das EJ's como X, conforme Tabela 2.

Tabela 2. Identificação dos respondentes

Identificação	Cargo
A	Presidência
B	Presidência
C	Presidência
D	Presidência
E	Presidência
F	Vice-Presidência
G	Presidência
X	Coordenador geral

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para atender ao objetivo desta pesquisa, qual seja, analisar as barreiras e as potencialidades das EJ's frente a uma IES pública, as respostas dos entrevistados foram submetidas à técnica de análise de conteúdo. Para tanto, a partir dos dados coletados foram encontradas as categorias correspondentes às falas dos entrevistados.

Tais categorias foram definidas de acordo com os padrões de resposta revelados em decorrência da primeira fase desse estudo, que se deu por meio da construção dos questionários. A técnica adaptada de Bardin (2011) identificou padrões que poderão extrair *insights* relevantes para o tema.

1ª Categoria: Pontos positivos e negativos de ser membro de uma EJ

Em primeira instância, um dos objetivos de uma Empresa Júnior reside na aplicabilidade prática das teorias vistas em sala de aula, segundo Guimarães, Moreira e Baeta (2013). Nesse sentido, conforme citam os participantes, um dos principais benefícios abordados pelos entrevistados, consiste em:

“[...] esse contato mais próximo também com a universidade, eu acho que é bastante positiva [...]” (respondente A)

“O que me fez entrar na EJ, os pontos positivos foi porque eu queria ter proximidade ao curso, né [...] a EJ desenvolve bastante projetos, é relacionado a alimentos, rotulagem, tudo que praticamente que a gente vê no nosso curso.” (respondente E)

“[...] e a empresa Júnior, ela, ela acaba sendo um [...] grande espaço de atuação [...] dessa busca por uma profissionalização [...]” (respondente X)

Arelados a isso, também foram pontos ressaltados pelos respondentes o desenvolvimento de *Soft skills*, a liderança e a preparação para o mercado de trabalho. Segundo Penha et al. (2015), a EJ tem papel complementar na formação dos discentes pois amplia suas competências e associa a teoria à prática antes mesmo de finalizar a graduação, conforme as falas dos participantes:

“[...] acho que o principal de tudo é desenvolvimento pessoal [...]” (respondente B)

“[...] a gente tem um mini contato do que é a realidade do mercado de trabalho, [...] me ajudam muito na questão de *soft skills* que eu, para entrar no mercado de trabalho, acho que é o maior ponto positivo [...]” (respondente C)

“[...] eu acredito que tenha me desenvolvido muita liderança [...] eu me sinto mais preparada e acho que é saber lidar com pessoas em geral. Relacionamento mais profissional.” (respondente D)

“[...] e desenvolve diversas *soft skills* [...] são nº coisas que vão te auxiliar, são tomadas de decisões que tu precisas fazer e que na EJ, tu vais desenvolver isso [...] te traz muita experiência e conta muito para o mercado de trabalho. A EJ é essencial para quem quer uma boa vaga de estágio para quem quer uma boa experiência fora de sala de aula.” (respondente F)

De fato, a fala do entrevistado F vai de encontro à ideia de Barbosa, Gueiros e Silva (2019), que apontou as EJ's como uma alternativa interessante de preparo para o mercado de trabalho, dada sua vivência prática, maior autonomia e flexibilidade que corroboram para a formação de competências profissionais. Ainda se observaram os benefícios relacionados à IES, como a capacidade das EJ's em contribuir com a divulgação do curso e da universidade (Penha et al., 2015).

De acordo com a fala do Coordenador geral das EJ'S, quando a universidade compreende e consegue amparar os estudantes que desejam adquirir o conhecimento para além da teoria e experimentos laboratoriais, já se pode considerar um "grande ganho" para a instituição, segundo se observa na fala de um respondente:

"[...] e a partir do momento também que a gente tem é Empresas Juniores, como a gente já tem, né. Tendo um caminho, né, um acesso, um trabalho reconhecido no mercado, para nós é importante também porque valida também aquilo que nós estamos fazendo na sala de aula, ou nos laboratórios, enfim, como uma atividade de extensão. Então assim, eu acho que é muito positivo também quando a gente vê as nossas Empresas Juniores galgando, aí premiações e ganhando o mercado já."
(respondente X)

Por outro lado, os respondentes das EJ's alegaram, como uma das principais dificuldades permanecer em uma EJ, as questões de tempo e sobrecarga, já que eles precisam conciliar, pelo menos, tanto as demandas da graduação, quanto as da empresa. Este achado vai ao encontro de Reis (2001) e Ramos et al. (2022), visto que as EJ's se posicionam no mercado como uma entidade sem fins lucrativos, com o propósito de oferecer consultorias a baixo custo. Os valores cobrados por hora técnica são reduzidos e, em função do pouco reconhecimento das atividades voluntárias, torna-se complicado manter os membros comprometidos, segundo se observa na fala de um respondente:

"[...] atrapalha um pouquinho que querendo ou não, tens que dividir essa atenção, né [...] além da empresa Júnior, também faço estágio, então acaba que o tempo de dedicação fica menor." (respondente C)
"[...] eu acho que acaba sendo um pouco um ponto negativo para a minha formação, mas para mim pessoalmente está sendo positiva [...] porque a gente aprende com isso." (respondente A)

Apesar da dificuldade, os entrevistados não demonstraram que a falta de tempo é um ponto totalmente negativo, pois é uma questão de escolha participar de uma EJ, mesmo que tenha dividir o tempo com outras atividades, como alega o responde C, o qual, em concordância com Matos (1997), comenta que, para eles, os benefícios a longo prazo são visíveis e permanecem porque o objetivo é completar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a sua formação, por intermédio de aplicações práticas diretamente com o meio empresarial.

2ª Categoria: relação EJ com as unidades envolvidas

O bom funcionamento de uma EJ depende de toda uma rede de apoio que sustente a sua existência. As falas citadas a seguir dizem respeito ao contato das empresas com os professores coordenadores:

"[...] é algo muito raro de acontecer. A gente normalmente não procura, e acaba resolvendo sozinho e não existe aquela coisa de vir perguntar para saber se está precisando de alguma coisa." (respondente B)
"[...] ela (professora) não consegue se fazer o tempo inteiro presente, então parte mais de nós procurar é tirar dúvidas, e afins [...]" (respondente E)
"[...] a gente não tem um contato semanal, não fazemos reuniões. É só quando necessário, é muito de vez em quando [...]" (respondente G)

Os discentes destacam que as relações não são frequentes, e que, até certo ponto, mostram-se satisfatórias, mas que seria interessante se esses contatos fossem aproximados, corroborando com o estudo de Penha et al. (2015) que apontou o escasso auxílio de professores nas atividades das empresas.

Essa ideia se aplica também à relação com o instituto ao qual as empresas estão vinculadas de acordo com os seus cursos, na qual se observam os contatos distantes e o interesse de fortalecimento.

“[...] no geral é satisfatório [...] eu não tenho o que reclamar, mas também não tenho que elogiar [...]” (respondente A)

“[...] a meu ver. Não, não tenho quase nenhuma relação fraca.” (respondente C)

“[...] a gente não tem quase nenhum vínculo.” (respondente D)

“[...] no momento não estou fazendo muita coisa em conjunto, mas a gente pretende fazer, tentar fazer palestras juntos, talvez visitas técnicas junto [...]” (respondente E)

Nesse sentido, buscou-se analisar também a posição do Coordenador geral acerca da participação dos docentes de modo geral, que os destaca como mentores, uma vez que acredita no potencial dessa relação de parceria, a qual, além disso, colabora para perenidade das EJ's, como se pode observar na fala de um respondente:

“[...] se eu tiver conexão com o manual de processos, que aquilo ele está mapeado ali dentro e que também o conte com algum mentor para facilitar isso, porque o mentor é um professor, e ele fica aqui na universidade mais tempo [...] então ele poderia ser essa pessoa que guarda as memórias também [...]” (respondente X)

Assim, é possível observar que na instituição existe um eventual gargalo em relação a esse assunto, o que pode contribuir, a longo prazo, para a manutenção do projeto de extensão, conforme destaca Oliveira (2005) ao apontar que as IES são centros de disseminação que deveriam encorajar e favorecer a participação dos professores para supervisionar os serviços desenvolvidos.

Verificou-se também na instituição a existência de uma incubadora responsável em auxiliar as empresas em suas demandas, acerca do que foram coletadas as seguintes respostas relativas ao contato com essa unidade.

“[...] a gente não tem contato.” (respondente B)

“[...] atualmente a gente não tem uma relação muito próxima, mas eu sei que eles estão ali, sabe, só que a gente não tem esse diálogo [...]” (respondente C)

“[...] eu vejo uma relação bem pequena [...] acredito que não seja um vínculo muito próximo, tão algo do nosso cotidiano.” (respondente D)

“[...] eu não estou tendo muito contato em relação a isso [...] mas eu, hoje em dia eu não consigo dar um feedback nem positivo nem negativo em relação a eles.” (respondente E)

“[...] faz muito tempo que a gente não tem nenhum contato com o pessoal de lá [...]” (respondente F)

Diante disso, observa-se uma relação frágil entre os membros das EJ's com o seu principal órgão de apoio. De acordo com Barros Neto e Resende (2019), em um ambiente tão incerto como o das EJ's, com diversas questões internas e externas, que trabalham com projetos complexos, o gerenciamento desses serviços necessita de um acompanhamento constante, assim como um alicerce para que a empresa consiga prosperar.

Contudo, também se percebe a existência de uma preocupação acerca dessa situação, em que os discentes reconhecem existência da dificuldade de conciliar seus horários com os daqueles a quem possam vir a prestar algum suporte, e também um reconhecimento por parte da instituição em admitir que esse contato precisa se fortalecer.

“[...] eu acho que a gente poderia estar muito mais conectado, e isso não acontece por alguns fatores [...] e o empresário júnior [...] ele tem desafios acadêmicos muito grandes ainda [...]” (respondente X)

“[...] é uma relação bem boa, mas de atividades deles que influenciem assim nesse ano eu particularmente não sei de nenhuma [...]” (respondente A)

“[...] é muito legal essa iniciativa deles e eles são muito legais para nós [...]” (respondente G)

3ª Categoria: aspectos legais e institucionais

Primeiramente, os entrevistados alegaram que as questões legais, que regularizam e reconhecem as EJ's como uma empresa, estariam em dia, apenas com algumas ressalvas pontuais, como a falta de emissão de nota fiscal ou a desatualização do quadro de componentes, o que não impede o funcionamento da EJ, embora, segundo os entrevistados, eventualmente possam surgir complicações.

“[...] no geral, sim, só acho que é a posse ou, titularidade [...] que a gente ainda nos tramites pra passar para o nome do presidente [...]” (respondente A)

“[...] a EJ está correta juridicamente com a universidade e a acabamos de arrumar todas as pendências com ela no último mês [...] e agora, falta a nota fiscal que a gente ainda não tem [...]” (respondente C)

“[...] no momento, a gente não tem a nota fiscal [...]” (respondente D)

“[...] está tudo certinho com a universidade e [...] a gente tem tudo, toda documentação correta no cartório [...]” (respondente F)

Todos esses fatores estão ligados diretamente à legitimação das EJ's, o que orienta o processo de consolidação. Conforme Berger e Luckmann (2003), as empresas buscam a aceitação social por meio da própria institucionalização.

Sabe-se, ainda, que a IES possui a responsabilidade de oferecer um suporte para que as empresas se regularizem de maneira adequada, lembrando que cada instituição está inserida no seu próprio contexto e, conseqüentemente, existem outros fatores influenciadores dessas circunstâncias, conforme apontaram Ashforth e Mael (1989) e Glynn (2008). Diante disso, o Coordenador geral das EJ's afirma que existe uma relação em que as Instituições têm a responsabilidade de auxiliar as empresas na sua formalização e na gestão dos processos, muito embora esses aspectos mostraram-se divergentes para algumas EJ's, como aponta as palavras de um respondente:

“[...] acho que eles poderiam dar um suporte, mais talvez administrativo para a gente sabe? Tem algumas questões burocráticas que a gente depende deles e eles acabam botando muito empecilhos [...]” (respondente D)

“[...] a gente é autônomo [...] e podia ser menos autônomo, entendeu? A gente podia ter um suporte maior da universidade, organizacional [...]” (respondente G)

Também perguntou-se aos entrevistados sobre a ocupação de espaço físico na universidade, uma vez que existe um vínculo legal entre a instituição e as empresas e que, assim, pode-se entender que haverá a disponibilidade de um local por parte da IES a fim

de que os estudantes possam trabalhar em seus projetos. A partir desse questionamento, encontra-se o seguinte cenário:

“[...] tem a sala da EJ [...] compartilhada com a outra EJ.” (respondente A)
“[...] teoricamente a gente tem uma sala [...], mas a gente efetivamente não tem acesso a ela [...]” (respondente C)
“[...] no momento não, a gente não tem sala própria [...]” (respondente E)
“[...] a incubadora cedeu uma sala, mas como fica muito longe [...] a gente acaba que não usa [...]” (respondente F)
“[...] a gente tem uma salinha [...] pequenininha, com pouca coisa, mas é melhor do que nada.” (respondente G)
“[...] não existe a obrigatoriedade, né. E espaço físico é uma coisa muito difícil dentro da universidade [...] é bem burocrático também [...]” (respondente X)

Desse modo, foi possível observar que não há um padrão para o estabelecimento das empresas. Observou-se também que, segundo Penha et al. (2015), a falta de estrutura pode vir a constituir um dos obstáculos para que as EJ's consigam desenvolver as suas atividades. Mesmo com a afirmação do Coordenador geral de que não existe a obrigatoriedade da instituição em fornecer um local, Oliveira (2005) ressalta a importância de que a IES proporcione as melhores condições de infraestrutura.

Para tanto, vale destacar o impacto que a existência de um espaço próprio pode agregar às empresas, tendo em vista que esse é um dos fatores que legitima a sua existência como empresa, e que a valida como pertencente ao ambiente da IES, gerando motivação para a continuidade do projeto na instituição.

“[...] o fato de a gente ter uma sala é, ter um lugar para se desenvolver, foi algo muito importante, algo que, tipo assim, grande chance, da EJ não existir se não tivesse isso[...]” (respondente B)
“[...] o primeiro de tudo e mais importante é ceder um espaço para EJ, um espaço perto de onde a gente convive. Eu acho que isso, para nós é o que mais faz falta agora [...]” (respondente F)
“[...] na incubadora ali nós temos um espaço de *coworking* que a gente tá [...] de certa forma apoiando, né, mas é um nível precário, porque *coworking* tu não tens o espaço somente para ti em algum momento [...]” (respondente X)

É possível observar a importância que um espaço próprio traria para a experiência dos estudantes, conforme sugerem Ferreira, Loiola e Gondim (2021), ao comentarem que o amadurecimento de competências é consequência da qualidade da experiência que os membros participantes podem ter dentro das EJ's, firmando a participação da IES de maneira indireta no desenvolvimento dessas competências, ao relacionar a IES ao fornecimento um espaço adequado.

4ª Categoria: incentivo ao movimento empresa júnior

Como o apoio institucional ao movimento Empresa Júnior é importante também para o seu reconhecimento e sua consolidação, buscou-se saber como órgão responsável da IES entende que contribua para o projeto das EJ's, como se pode perceber pelas palavras de um respondente:

“[...] eu acho que falta mais também aproximação, pois existe uma rotatividade, mas tem que fazer reuniões, né. Tem que trabalhar juntos, sim, eu não sei qual é o valor que as EJ's enxergariam nisso [...]” (respondente X)

Sob essa perspectiva, é possível concluir que a relação de troca entre a universidade e as EJ's precisa se solidificar para que ambas as partes possam evoluir continuamente. Essa ideia vai ao encontro do destaque de Rocha et al. (2020), o qual menciona que a falta de contato com a instituição leva à impressão de as empresas serem pouco profissionalizadas, já que há dificuldade de divulgação de suas atividades.

A respeito da colaboração da universidade para com as empresas, a maior parte dos estudantes voluntários relata que, no geral, suas necessidades não são levadas em consideração:

“[...] é algo que a gente precisa muito, até pela própria experiência que a gente se propõe a dar aos membros e por um contexto socioeconômico mesmo, os próprios membros às vezes não têm condições de bancar e tudo mais. Ou a própria EJ não tem condições de bancar, então, assim consegui um apoio a mais, assim da universidade e de fato ter a universidade como parceira, sabe, tipo, de talvez capacitações voltadas apenas para as Empresas Juniores[...]” (respondente A)

“[...] o apoio poderia ser um pouco maior e até para estimular as pessoas a entrarem também [...]” (respondente E)

“[...] A gente podia ter um suporte maior da universidade [...] podia ser mais incentivado eventos do empreendedorismo [...]” (respondente F)

“[...] só que está saindo, sempre tudo de nós, sabe? Então é, a gente está insistindo naquilo, e eu acho que não precisava ser uma existência tão grande [...]” (respondente G)

Por isso, consideradas as ideias de Penha et al. (2015), conclui-se que, mesmo não sendo a instituição um fator impeditivo, são os alunos que se mostram como os principais interessados na resolução de barreiras. Além disso, vale ainda destacar, considerando o importante elo que as EJ's formam entre a universidade e a sociedade, a ideia de Michels e Lohmeyer (2003), segundo o qual, quanto maior o envolvimento da instituição, melhor se torna essa troca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender como a relação das EJ's com o meio em que estão inseridas implica em barreiras e potencialidades para o seu desenvolvimento. O objetivo do estudo foi alcançado por meio das entrevistas individuais realizadas com representantes das EJ's e com o Coordenador geral das EJ's em uma IES pública no interior do Rio Grande do Sul.

Com uma única exceção, todas as Empresas Juniores participantes estão vinculadas a área da engenharia, o que indica um *déficit* diante da ampla possibilidade de atividades de extensão nas dezenas outras áreas da instituição. Relativamente à questão de tempo de existência, observou-se que apenas uma está em funcionamento desde 2014 e que a maior parte das empresas foram fundadas no ano de 2016, existindo ainda 2 fundadas em 2018 e uma em 2021. Esses dados indicam que, além de as Empresas Juniores constituírem uma novidade, eles exibem um ciclo de vida relativamente curto para a consolidação e desenvolvimento das suas atividades.

A partir da análise das respostas, foi possível identificar muitas potencialidades em uma EJ, tais como o crescimento profissional dos participantes, principalmente em decorrência do trabalho em equipe necessário para as atividades propostas; a possibilidade de aprimoramento das habilidades exigidas dos estudantes pelo mercado de trabalho; a aplicabilidade das teorias vistas nos ambientes de ensino convencionais; uma visão mais ampla da realidade do mercado de trabalho, para além das salas de aula e laboratórios; o aumento do vínculo entre os estudantes e as comunidades atendidas por intermédio da prestação do serviços, que aproxima os estudantes das empresas que compõem o ecossistema local.

Não obstante, foram identificadas algumas barreiras que dificultam as atividades das Empresas Juniores, tais como a incapacidade de conciliação de demandas escolares em função da grande carga horária exigida nos cursos de graduação; os estágios remunerados, que captam individualmente os alunos; a falta de apoio e o reconhecimento das unidades envolvidas, já a partir dos professores e das coordenações; questões internas e externas específicas ligadas à EJ e também à própria IES, sobretudo os entraves burocráticos que muitas vezes restringem e mesmo impossibilitam a disposição de meios de transporte, salas de uso próprio e outros espaços das IES.

Ainda com relação aos achados, destaca-se a proximidade com as unidades apenas daqueles alunos que já possuem algum contato não relacionado necessariamente com a EJ, mas que se utilizam de forma benéfica dessa conexão externa. Além disso, observa-se como uma potencialidade a institucionalização de uma cultura de apoio às EJ's, que carecem de eventos, palestras e momentos diversos em que o foco seja direcionado a elas e a seus interesses. Por meio de ações de divulgação, as empresas se sentiriam mais valorizadas e com sentimento de pertencimento à universidade, o que pode agregar tanto para as Empresas Juniores, atraindo novos participantes e criando uma cultura de valor, quanto para a instituição que apoiam as EJ's, o empreendedorismo e a inovação, estimulando a comunidade acadêmica nos mais diversos âmbitos.

Apesar de citado, o fator da remuneração não foi um impeditivo comentado pelos entrevistados para a participação em uma EJ, uma vez que os entrevistados consideram que sua atuação na empresa se dá pelo conjunto da experiência que lhe é proporcionada. Por isso, é fundamental inclusão das empresas no meio acadêmico, para que elas sejam vistas pelos discentes como uma opção de desenvolvimento. As EJ' carecem de um ambiente de apoio que as valorize e que proporcione o crescimento de suas atividades, para que sejam capazes de atingir a constância.

Portanto, esta pesquisa desempenhou um papel muito importante ao evidenciar a fragilidade existente na conexão entre a IES e suas EJ's associadas. Em suas falas, os estudantes compartilharam suas experiências em conduzir suas atividades de forma autônoma, embora essa autonomia corresponda a um dos propósitos do engajamento no projeto de extensão. No entanto, destacaram a necessidade de ampliar o suporte por parte da universidade e dos professores, na intenção de que seja permitido aos discentes o enfrentamento dos desafios mais substanciais com maior segurança. Além disso, externaram a importância de contar com um espaço próprio oferecido pela IES, no qual possam executar suas tarefas sem obstáculos burocráticos, promovendo, assim, um maior senso de pertencimento à instituição.

Dessa forma, entende-se que a relação entre projetos de extensão e Empresas Juniores deve ser fortalecida e incentivada, pois pode se consolidar como uma parceria estratégica e benéfica para ambas as partes, uma vez que, ao integrar projetos de extensão

com Empresas Juniores, é possível criar uma sinergia valiosa que potencializa o impacto social, educacional e profissional por meio de iniciativas de conexão entre essas duas partes, tais como o desenvolvimento de projetos conjuntos e de inovação, a capacitação e o treinamento, a pesquisa aplicada, a *network* empresarial e a promoção de cultura sustentável entre outros.

A limitação dessa pesquisa dá-se pela restrição na amostra da população em razão da ausência de resposta no contato de algumas EJ's que faziam parte do universo de pesquisa. Para um próximo estudo, recomenda-se a replicação do questionário em outras IES e suas respectivas representações e EJ's, a fim de averiguar pontos de vista distintos e traçar um quadro comparativo a fim de que seja possível aprofundar os estudos acerca dessa temática e preencher uma lacuna bibliométrica.

SUBMETIDO EM: 26/09/2023.

ACEITO EM: 24/01/2024.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antonio Rodrigues de. O curso de Administração, a empresa júnior e a formação de consultores de organização. *In*: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 6., 2009, Resende. **Anais** [...]. Resende: AEDB, 2009.

ARAUJO, Lillian Gardenal de. **Lógicas institucionais e respostas estratégicas em organizações híbridas**: o caso das empresas juniores. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ASHFORTH, Blake E.; MAEL, Fred. Social identity theory and the organization. **Academy of Management Review**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 20-39, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/258189>. Acesso em: 5 jul. 2023.

BARBOSA, Camila da Silva; GUEIROS, Mônica Maria Barbosa; SILVA, Nataly da Conceição. A formação de liderança universitária através de empresas juniores: uma investigação em uma universidade pública de ensino superior. *In*: CONFERÊNCIA FORGES, 9., 2019, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: UnB: IFB, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2011.

BARROS NETO, Wagner de; RESENDE, André Alves de. Gerenciamento ágil de projetos em uma empresa júnior. **Exacta**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 95-104, abr./jun. 2019.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONFIM, Mateus Pinto da Fonseca; SILVA, Maria Helena Carvalho da; ANDRADE, José Roberto de Castro. A empresa júnior e o desenvolvimento de competências gerenciais: um novo olhar sobre o empresário júnior nas organizações. *In*: SIMPÓSIO DE

EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 17., 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...]** SEGet: Rio de Janeiro, 2020.

BRASIL JÚNIOR. **Movimento empresa júnior**. 2022. Disponível em: <https://brasiljunior.org.br/>. Acesso: em 3 nov. 2022.

BRASIL Júnior. RANKINGS: quantidade de IES ranqueadas em 2021: 126. *In*: UNIVERSIDADES Empreendedoras. 2021. Disponível em: <https://universidadesempreendedoras.org/ranking/>. Acesso em: 2 set. 2022.

BRASIL. Lei 13.267, de 6 de abril de 2016. Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 153, n. 66, p. 1-2, 7 abr. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13267.htm Acesso em: 13 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e daí outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 155, n. 243, p. 49-50, 19 dez. 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 11 abr. 2023.

CAMPOS, Elziane Bouzada Dias. **Competências empreendedoras**: uma avaliação no contexto de empresas juniores brasileiras. 2015. 161 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CARVALHO, Bruno Gomes de; TONELLI, Dany Flávio. Limites e possibilidades do marco legal da CT&I de 2016 para as instituições científicas e tecnológicas do Brasil. **Revista de Administração, Sociedade e Inovação**, Volta Redonda, v. 6, n. 2, p. 6-24, 2 maio/ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20401/rasi.6.2.356>. Acesso em: 5 dez. 2022.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CUNHA, Filipe Apolo Gomes da. **DNA Júnior**: diretoria de desenvolvimento. [s.l.]: Brasil Júnior, 2009. Disponível em: https://pt.slideshare.net/davi_eps_udesc/manual-para-criao-de-empresas-juniores-em-universidade-e-faculdades. Acesso em: 5 dez. 2022.

DORNELAS, Mateus Lima. **O impacto da empresa júnior na intenção de empreender dos universitários brasileiros**. 2017. 59 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) - Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro, 2017.

ÉCOLE SUPÉRIEURE DES SCIENCES ECONOMIQUES ET COMMERCIALES.

Building the future with the ESSEC Foundation. 2019. Disponível em: <http://fondation.essec.edu/en/about-us>. Acesso em: 21 out. 2022.

EMPRESA JÚNIOR FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Movimento empresa júnior.**

2022. Disponível em: <http://ejfgv.com/sobre/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

FEDERAÇÃO DAS EMPRESAS JÚNIRES DO RIO GRANDE DO SUL. **Números contam história.** Disponível em: <https://fejers.org.br/>. Acesso em: 26 set. 2022.

FEITOSA, Victor. As cinco publicações mais acessadas em 2016. *In:* BRASIL Júnior. 6 jan. 2017. Disponível em: <https://brasiljunior.org.br/conteudos/as-cinco-publicacoes-mais-acessadas-em-2016>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FERREIRA, Aleciane da Silva Moreira; LOIOLA, Elisabeth; GONDIM, Sônia Maria

Guedes. Antecedents of entrepreneurship in the career trajectories of junior enterprises alumni. **Contextus:** Revista Contemporânea de Economia e Gestão. v. 19, n. 8, p. 108-123, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.19094/contextus.2021.62492>. Acesso em: 26 set. 2022.

FURG. Projetos de extensão e cultura. **FURG.** Rio Grande, 2022. Disponível em:

<https://www.furg.br/projetos-de-extensao-e-cultura#q:empresa%20J%C3%BAnior/p:1>. Acesso em: 2 set. 2022.

GLYNN, M. A. Beyond constraint: how institutions enable identities. *In:* GREENWOOD, R. *et al.* (ed.). **The SAGE handbook of organizational institutionalism.** London: SAGE, 2008. p. 413-430. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/9781849200387>. Acesso em: 26 set. 2022.

GUIMARÃES, Thaís de Abreu; MOREIRA, Nathalia Carvalho; BAETA, Odemir Vieira. A negociação com clientes em empresas júniores da Universidade Federal de Viçosa – Campus Viçosa/MG. **Revista de Administração da UNIMEP**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 81-103, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273726324008>. Acesso em: 7 jul. 2023.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais:** [...]. Belo Horizonte: CBEU, 2004.

LEHER, Roberto. Para silenciar os campi. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 867-891, out. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000300011>. Acesso em: 5 jun. 2023.

LUNA, Iúri Novaes; BARDAGI, Marucia Patta; GAIKOSKI, Marina M.; MELO, Fernanda de S. Empresas júniores como espaço de desenvolvimento de carreira na graduação: reflexões a partir de uma experiência de estágio. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, [s.l.], v. 14, n. 4, p. 441-451, out./dez. 2014. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000400010. Acesso em: 5 jun. 2023.

MATOS, F. **A empresa júnior no Brasil e no mundo: o conceito o funcionamento a história e as tendências do movimento EJ.** São Paulo: Martin Claret, 1997.

MICHELS, L. R.; LOHMEYER, M. C. Universidades e empresas juniores: parceiras na formação. *In: COLOQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITÁRIA EN AMÉRICA DEL SUR*, 3., 2003, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Mar del Plata; Universidad Nacional de Tres de Febrero; Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 2010.

OLIVEIRA, Antonio Benedito Silva (coord.). **Métodos e técnicas de pesquisa em contabilidade.** São Paulo: Saraiva, 2003.

OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social e empresa júnior no Brasil: o emergir de novas estratégias para formação profissional. *In: SEMINÁRIO DE GESTÃO DE NEGÓCIOS*, 2., 2005, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Unifae, 2005.

PALASSI, Marcia Prezotti; MARTINELLI, Raiane Gonçalves de Oliveira; PAULA, Ana Paula Paes de. Entre o discurso empreendedor e a consciência política: estudo exploratório do Movimento Empresa Júnior em uma universidade pública no sudeste do Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1-12, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395172642>. Acesso em: 6 maio 2023.

PENHA, Emanuel Dheison dos Santos; ALEXANDRE, Mariana de Melo; CABRAL, Augusto César de Aquino; SANTOS, Sandra Maria dos; PESSOA, Maria Naiula Monteiro. Empresas juniores: o processo de institucionalização em universidades públicas do Ceará. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 1-24, jan. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=319338454002>. Acesso em: 6 maio 2023.

PICCHIALI, Djair. Empresa júnior: um exemplo de pequena empresa. **Revista Administração em Diálogo**, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 35-52, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/1631>. Acesso em: 20 out. 2022.

PIVA, Alaxendro Rodrigo Dal; PILATTI, Luiz Alberto; FERRAZZA, Daiane Cristina; SILVA, Elisangela da. Empresa júnior: um laboratório de aprendizagem como diferencial para a formação acadêmica. *In: SIMPEP*, 13., 2006, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: SIMPEP, 2006.

RAMOS, Juliane Borges; FERNANDES, Carla Milena Gonçalves; CURE, Giovanna Gomes; BUENO, Angélica Mello; QUINTANA, Cristiane Gularte. Competências empreendedoras: um estudo sobre os discentes das empresas juniores de uma instituição de ensino superior em tempos de pandemia covid-19. *In: CONGRESSO DE*

ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 13., Rio de Janeiro, 2022. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: AdCont, 2022.

RAUEN, Cristiane Vianna. O novo marco legal da inovação no Brasil: o muda na relação ICT-empresa? **Radar**, [s.l.], n. 43, p. 21-35, 2016. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6051/1/Radar_n43_novo.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

REIS, Dalton Luiz de Menezes. **As empresas juniores da Universidade Federal de Santa Catarina e as mudanças da política educacional nos anos 90 na universidade pública: uma articulação de projetos coincidentes?** 2001. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

ROCHA, Luan Freitas; ROCHA, Luciane Marçal Oliveira; SANTOS, Marcos Antônio Souza dos; BRABO, Marcos Ferreira; REBELLO, Fabrício Khoury; MARTINS, Cyntia Meireles. Empreendedorismo universitário: avaliação do perfil do movimento empresa júnior em uma instituição federal de ensino superior da amazônia. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [s.l.], v. 9, n. 8, p. 1- 23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.4787>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SANGALETTI, Cristhini; CARVALHO, Gustavo. Introdução ao movimento empresa júnior. *In*: MORETTO NETO, Luis; JUNKES, Patrícia Natale; ROSAURO, Diego Zen; BENKO, Fernando. **Empresa júnior: espaço de aprendizagem**. [S.l.: s.n., 2004]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306364892_Empresa_Junior_Espaco_de_Aprendizagem Acesso em: 12 jun. 2023.

SANTOS, Marcos Pereira dos. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 154-163, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/4547>. Acesso em: 3 maio 2023.

SOUSA, Kleber Cavalcante de; MEDEIROS, Marcos Fernando Machado de; SILVA, Fernanda Heloah dos Santos; GERMANO, Beatriz de Paiva. Empreendedorismo universitário em tempos de covid-19: as ações das empresas juniores da UFRN (2020). **Revista Extensão & Sociedade**, [s.l.], v. 12, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2021v12n1ID23844>. Acesso em: 3 maio 2023.

UFRGS. Como criar uma empresa júnior na UFRGS. **UFRGS**. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/empreendedorismo/como-criar-uma-empresa-junior-na-ufrgs>. Acesso em: 17 dez. 2022.

UFSC. PROEX – Pró-Reitoria de Extensão. **UFSC**. Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/>. Acesso em: 23 set. 2022.

UFSM. Empresas juniores. **UFSM**. Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/empresas-juniores>. Acesso em: 22 set. 2022.

VALE, Mariene Alves do; CÂNDIDO, Ana Clara; ANDRADE, Antonio Rodrigues de. Contribuições de empresas juniores para o ensino universitário. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 58-76, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/96>. Acesso em: 29 out. 2022.

ZILIOTTO, Denise Macedo; BERTI, Ariete Regina. A aprendizagem do aluno inserido em empresa júnior. **Revista Conexão UEPG**, Nova Hamburgo, v. 8, n. 2, p. 210-217, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/4554>. Acesso em: 22 ago. 2021.